

## NOTAS SOBRE O IDIOMA:

### UMA LEITURA DE *LANGUE SANS DEMEURE*, DE MARC CRÉPON

Maria Angélica DEANGELI\*

CRÉPON, M. **Langues sans demeure**. Paris: Galilée, 2005.

Em *Langue sans demeure*, o filósofo francês Marc Crépon<sup>1</sup> volta-se para uma problemática já privilegiada em algumas de suas outras obras, isto é, para a questão e o espaço da língua na escrita de certos filósofos e escritores. A cena de *Langue sans demeure* é protagonizada por Kafka, Derrida, Celan, Gadamer, entre outros.

O livro compõe-se de duas partes, mais exatamente, de duas conferências: a primeira, que dá título ao livro, foi proferida em Berlim em 2003, sob os auspícios do amigo Jürgen Trabant, especialista de língua alemã, e trata dos perigos que ameaçam as línguas, de modo geral, ou seja, debruça-se sobre as políticas linguístico-culturais homo-hegemônicas que assolam os homens e suas produções. A segunda, consagrada a uma leitura de *Béliers* (2003a) e de *Chaque fois unique, la fin du monde* (2003b), ambos os livros de Derrida, aconteceu no *Collège Internationale de Philosophie* em Paris em 2004, numa jornada de estudos dedicada à obra de Jacques Derrida, e intitula-se “C’est l’éthique même”: notes sur l’idiome du deuil”.

O tom do livro é ditado pelas relações que sujeitos, escrita e língua estabelecem, segundo Crépon, com o *oikos*. Palavra de origem grega, o *oikos* quer dizer, na verdade, “[...] o patrimônio, a morada estendida ao conjunto das propriedades que a acompanham – ou seja, aquilo que o mestre possui e sobre o qual exerce um direito de propriedade” (CRÉPON, 2005, p.37).

Partindo da leitura de uma carta de Kafka, de junho de 1921, dirigida ao amigo Max Brod, na qual o primeiro relata ao amigo as “impossibilidades de linguagem”,

---

\* UNESP – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Departamento de Letras Modernas. São José do Rio Preto – SP – Brasil. 15054-000 – deangeli@ibilce.unesp.br

<sup>1</sup> Grande parte da pesquisa de Marc Crépon centra-se na filosofia de Nietzsche e Rosenzweig, na questão das “línguas” e das “comunidades” nas filosofias francesa e alemã. Dentre suas obras destacamos: *Le malin génie des langues* (2000) e *Les promesses du langage: Benjamin, Rosenzweig, Heidegger* (2002).

isto é, a impossibilidade para os judeus de Praga de escreverem e também de não escreverem em alemão. Crépon propõe uma aproximação entre os impasses do percurso da escrita kafkiana e as aporias derridianas do idioma. Trata-se, segundo Crépon, de transitar de uma escrita à outra num exame minucioso daquilo que dita, ao mesmo tempo, seu acontecimento e sua impossibilidade.

Acontecimento e impossibilidade de escrita que se dão para Kafka a partir de sua descoberta do iídiche, a língua que escapa ao domínio do *oikos* e que fala nele (e por meio dele) um outro alemão. O iídiche seria o “outro” da língua alemã, uma língua outra que lhe revelaria a distância que o separava da autoridade de uma língua materna por demais opressora e estrangeira. Para fazer face a essa língua estranhamente materna, em face dos obstáculos que ela coloca, Kafka inventa uma língua própria, um alemão traduzido do e para o alemão. Dessa forma, o que se dá a ler, muitas vezes, para os outros como “a bagunça de sempre” (*le fatras habituel*), nada mais é do que a singularidade do idioma kafkiano, um idioma habitado essencialmente pela presença do iídiche, a língua em que se confundem várias culturas e várias línguas, o receptáculo hospitaleiro de palavras estrangeiras, sem território nem fronteiras. Língua dos sonhos que é também, em Kafka e para Kafka, o sonho de uma língua. É por meio da escrita que Kafka torna manifesto seu sentimento de estranheza com relação ao mundo; a necessidade como desejo de escrever traz-lhe a percepção de que é preciso buscar algo para ocupar os “frios espaços de nosso mundo” (CRÉPON, 2005, p.16). Algo que só acontece com a chegada inesperada desse outro ou dessa língua outra que, num movimento aporético, como diz Crépon, chega sem talvez nunca chegar. Situação *Unheimlich*.

Da escrita kafkiana à singularidade do idioma em Derrida, eis os caminhos de pensamento entre os quais nos faz circular Crépon. Na cena de leitura dedicada a Derrida, vemos surgir, num primeiro momento, os rastros de *Le monolingüisme de l'autre* (1996) e de *Fichus* (2002), textos nos quais, de forma explícita e exímia, Derrida confessa seu amor incondicional a um idioma francês sem o qual ele se sente exilado e perdido. Com uma força de expressão notável, Crépon recupera e desvenda os segredos da escrita derridiana, da escrita daquele que, embora sempre tivesse escrito em francês, nunca tenha podido chamar o francês de “minha língua materna” (CRÉPON, 2005, p.37). Não se trata nem de língua francesa nem do francês como língua materna, o que está em jogo, de acordo com Crépon, é uma espécie de singularidade languageira e afetiva que não comporta nenhum sentimento de pertença, nenhum vínculo ao que se pode chamar de comunidade nacional, enfim, o idioma é “[...] o nome que a língua adquire quando ela é, precisamente, uma morada sem morada” (CRÉPON, 2005, p.50), tal como sugere o próprio título do livro: “línguas sem morada”. Ainda, segundo Crépon, todas as questões que atravessam *Le monolingüisme de l'autre*, quer sejam políticas, linguísticas ou literárias, são marcadas pelo selo de sua intraduzibilidade, não por aquilo que não se traduz, mas

por algo que permanece para sempre “a-traduzir”, como repetiu Derrida inúmeras vezes; algo que responde, na indecidibilidade de sua resposta, ao apelo do outro, ao chamado de uma tradução por vir. Esse apelo ao outro também perpassa toda a leitura que Crépon faz de Derrida, pois, em nome de uma alteridade que não se deixa nunca apreender como totalidade absoluta, na trama de acenos indefiníveis que se interpõem entre um apelo e outro, há uma exigência aporética de tradução, tradução de amigos e entre amigos, algo que quer e não quer ser traduzido, que se oferece ao outro sob condição de estar sempre protegido, ainda que para sempre sem morada. Aporias do idioma.

Nesse movimento da morada sem morada, do acontecimento sem chegada ou da chegada que nunca chega a acontecer, na intraduzibilidade do “a-traduzir”, no traço de uma singularidade idiomática, no entre de todos esses contornos inapreensíveis, vê-se irromper a chance do idioma, do idioma como um ato poético e político, como o sonho de uma língua ou a língua dos sonhos que faz sua entrada na literatura. Poéticas do idioma que constituem, segundo Crépon, políticas da amizade. Aí, então, outros gestos de leitura ganham a cena das línguas sem morada. Crépon percorre, sempre de maneira cuidadosa, mais dois livros de Derrida: *Béliers* e *Chaque fois unique, la fin du monde*. Se esta última obra é uma reunião de textos consagrados aos amigos desaparecidos, textos reunidos por Pascale-Anne Brault e Michael Naas; a primeira, sugere Crépon, aparece como uma espécie de introdução desta, já que *Béliers* é também uma homenagem ao amigo desaparecido, Hans-Georg Gadamer. No entre dessas escrituras, abre-se, de acordo com Crépon, o espaço para uma reflexão sobre a indecidibilidade da interpretação das obras literárias, poéticas em particular, sobre o incalculável da língua e sobre a experiência da poesia como um gesto de reconhecimento “de que aquilo que resta excede toda explicação” (CRÉPON, 2005, p.72). O poético não estaria, de forma alguma, associado ao incompreensível; mas, ao contrário, àquilo que se compartilha na indecidibilidade que pressupõe toda escuta poética. A escuta compartilhada por Derrida e Gadamer se dá, no contexto de *Béliers*, a partir da leitura de uma série de poemas de Celan (2003)<sup>2</sup> sobre os quais Gadamer já havia proposto em sua obra, *Quem sou eu, quem és tu? Comentário sobre o ciclo de poemas Hausto-cristal, de Paul Celan* (1973) um estudo interpretativo. Não se trata, para Derrida, como assinala Crépon, de confrontar duas interpretações ou dois comentários opostos; mas, ao contrário, de reivindicar o direito de “deixar na indecisão” as palavras emersas do poema de acordo com a escuta do amigo. Esse estatuto de “indecidibilidade” da e na leitura permeia todo o gesto de Derrida na homenagem dirigida ao amigo.

A palavra do poema entre eles compartilhada (e trata-se, no caso específico que mencionamos, de certos poemas de Celan) na diferença de suas interpretações, tal

---

<sup>2</sup> Para a leitura dos poemas de Celan aos quais se refere Derrida, servimo-nos da tradução francesa de Jean-Pierre Lefebvre. Trata-se de uma edição bilíngue.

palavra soa também como eco daquilo que se divide com um amigo enlutado, numa espécie de “diálogo ininterrupto” que faz duvidar do desaparecimento do outro. No rastro das amizades incalculáveis e na incalculabilidade de seu acontecimento, na evocação daquele que se foi e a quem se dirige à palavra, mas também daquele que permanece de alguma maneira, “cada vez único”, mesmo que sob a forma de uma memória partilhada, nesse contexto, vê-se irromper o “idioma do luto” ou a invenção de um “idioma responsável” que carrega consigo, para sempre, a promessa dessa memória. Uma memória que não se identifica, em nenhum momento, com os discursos de rememoração de tantas condolências político-nacionais, mas que quer ser única na expressão de seu idioma, como assinala Crépon, de maneira singular: “[...] o idioma do luto exclui *a contrario* qualquer globalização, qualquer confusão, qualquer recenseamento, qualquer instrumentalização dos mortos [...] porque ele vê em cada desaparecimento singular a ruína do mundo” (CRÉPON, 2005, p.80), ainda que essa ruína opere como uma forma de resistência a todas essas invocações. Para falar da ruína do mundo, nada mais justo, segundo Crépon, do que o apelo a Celan, apelo intercalado pela presença de Gadamer e, por meio deste, de muitos outros amigos que também ocupam a cena de *Béliers*, transportada para a cena das línguas sem morada.

Na leitura de Crépon, no gesto indecível de sua condição de leitor, podemos apreender os traços do idioma derridiano que irrompem em cada contexto particular ou em cada livro evocado. Dessa forma, *Langues sans demeure* aparece como uma dessas “pequenas obras”, se levamos em conta que o livro tem apenas oitenta e seis páginas, de grande densidade (e intensidade), também em homenagem a um amigo desaparecido. Trata-se de um texto que fala de língua, de política, de literatura, de amizade e de luto. Para Crépon, não há política da amizade sem uma política do luto ou do idioma, ou seja, sem a possibilidade da invenção de uma língua (aquela que acreditamos ilusoriamente habitar) que nos permita lembrar que devemos, o tempo todo, responder à injunção e ao apelo do outro que já se foi, numa espécie de diálogo para sempre ininterrupto. Nesse sentido a obra e o percurso de Derrida seriam exemplares naquilo que nos trazem como lembrança de tantos amigos que com ele dialogaram, de fato, e dialogam ainda, de maneira ininterrupta, sobre questões de grande interesse na atualidade; a morada das línguas sem moradas, no espaço da construção poético-literária, não deixa de ser uma delas. Um gesto de amigo para com outro amigo, ambos celebrando a existência de um idioma que se investe de uma voz e de um tom singulares, quaisquer que sejam as condições de seu acontecimento e os motivos de sua (não) chegada.

## **Referências**

CELAN, P. **Reverse de souffle**. Traduction de Jean-Pierre Lefebvre. Paris: Seuil, 2003.

CRÉPON, M. **Les promesses du langage**: Benjamin, Rosenzweig, Heidegger. Paris: J. Vrin, 2002.

\_\_\_\_\_. **Le malin génie des langues**. Paris: J. Vrin, 2000.

DERRIDA, J. **Béliers**. Paris: Galilée, 2003a.

\_\_\_\_\_. **Chaque fois unique, la fin du monde**. Paris: Galilée, 2003b.

\_\_\_\_\_. **Fichus**. Paris: Galilée, 2002.

\_\_\_\_\_. **Le monolinguisme de l'autre**: ou la prothèse d'origine. Paris: Galilée, 1996.

GADAMER, H.-G. **Quem sou eu, quem és tu?** Comentário sobre o ciclo de poemas *Hausto-Cristal*, de Paul Celan. Tadução de Raquel Abi-Samara. Rio de Janeiro: Ed. Da UERJ, 2005.

